

Comunicação Comunitária e novas tecnologias – por uma formação profissional em busca da cidadania

GIUSEPPA SPENILLO (UFRPE)ⁱ

Resumo: O presente artigo procura estabelecer uma discussão acerca da atuação profissional, na área da comunicação, junto a grupos populares, de modo a promover o uso de recursos comunicacionais tecnológicos (computador, gravador, máquinas fotográficas) ou locais (rede de vizinhança, festas, torneios, escolas, igrejas e demais associações) em busca do desenvolvimento coletivo e do exercício da democracia e da cidadania. Para tanto, narramos nossa experiência na comunidade de Jardim Uchôa (Recife/ PE).

Palavras-chave: Comunicação educativa – Novas tecnologias - Cidadania

1 - Desafios para a comunicação

A comunicação social defronta-se, hoje, com os desafios impostos pelo aparato tecnológico à disposição no mercado. Se por um lado alcançamos um estágio de total condição de comunicação – hipercomunicação, para Kaplúnⁱⁱ – por outro corremos o risco da perda da capacidade de comunicação pela valorização da informação individualizada. Ou seja, o acesso a toda tecnologia informacional não significa para o indivíduo ou para os grupos um estágio mais além – nem qualitativa nem quantitativamente – no fazer comunicação em sociedade.

“Tecnologicamente, terão mais possibilidades que nunca de interconectar-se; mas, esgotado o interesse pelos outros, extinta a prática da participação social e cidadã, lhes restará para comunicar algo além do intercâmbio de pseudo-experiências virtuais?”ⁱⁱⁱ

Isto porque as práticas de uso das tecnologias sempre mais sofisticadas de informação se voltam para o indivíduo isolado, silencioso e despedado de qualquer amarra territorial/ espacial. Além de fechar-se em si, preenchido de informações mas vazio de diálogo, o indivíduo da era tecnológica vai também se desvinculando culturalmente de seus grupos identitários (sem vincular-se a outros), uma vez que não produz nem interpreta o mundo a partir de uma lógica compartilhada (como nas relações interpessoais). É o esfacelamento da *cultura*, compreendida como “produção de fenômenos que contribuem mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social.”^{iv}

A necessidade de atuações localizadas e eficientes, no contexto da globalização, e a nova configuração social promovida pela informatização levam-nos a buscar alternativas de uso das competências profissionais já acumuladas – técnicas e teóricas – para o trabalho com grupos populares. Um trabalho que precisa cada vez mais comprometer-se com o resgate de uma cidadania que vai se desfazendo junto com os espaços de produção e emprego, perdidos para a robótica; e com as identidades culturais, mescladas no consumo inadvertido de produtos descartáveis.

Na área da comunicação, a formação de um profissional apto a “Estimular a **competência comunicativa do receptor**” (Barbero), apontando para sua participação e para a transformação do sistema dos MCM

da sociedade”^v, vem sendo pensada nos cursos universitários como forma de se colocar num mundo que transita entre a industrialização e a informatização do cotidiano. Transição essa carregada de agravantes sociais ainda não resolvidos em eras anteriores, como os conflitos multi-étnicos, religiosos e agrários, e as distorções econômicas que levam à exclusão, à pobreza e à marginalização de uma grande camada social.

Na sociedade atual, em que a tecnologia e a velocidade se colocam em evidência nas dinâmicas sociais, faz-se necessário pensar a comunicação que se pode realizar nos meios populares. Mais do que as deficiências, até mesmo estruturais, em áreas como educação, saúde, moradia, trabalho e lazer, com as quais as camadas populares são obrigadas a conviver cotidianamente, a exclusão na produção social de informação e, logo, de comunicação destitui esses grupos do direito de decisão, participação e exercício da cidadania.

Para que as comunidades populares possam rever o lugar de receptores que lhes tem sido conferido em nossa sociedade e, assim, chegarmos a uma condição de real democracia, em que os elementos necessários para produzir comunicação (e não só consumi-la) estejam realmente à disposição de todos, é preciso empenho dos comunicadores para levar às camadas populares o arsenal de recursos tecnológicos a serviço da comunicação e, mais do que isto, trabalhar em prol de encontrar e fazer serem usados os recursos comunicacionais locais, variados e ricos.

Há diversas formas de se colocar em prática o potencial comunicacional de um grupo, como as experiências com vídeo e debate realizadas por educadores a partir de programas televisivos, as rádios comunitárias, os mutirões, os grupos de discussão e outros. Essa variação deve, apenas, estar em acordo com as condições concretas da comunidade, com o tipo de interesse do grupo e sua mobilização, com elementos externos ao grupo que chegam até ele e muitas vezes determinam o modo de ser e de estar no mundo, com a cultura peculiar à comunidade.

Desta forma, quem determina com que finalidade os recursos comunicacionais serão usados é o grupo com o qual se está trabalhando. O uso de recursos comunicacionais locais aparece como alternativa ao trabalho com grupos populares numa busca por atuar sobre problemas identificados localmente, de acordo com as prioridades da comunidade e, principalmente, numa tentativa de fazer o grupo assumir sua realidade e capacidade para transformá-la.

2 - Nossa experiência no empírico

Buscamos realizar junto à comunidade de Jardim Uchôa, em Recife/PE, um trabalho de utilização e aplicação de recursos comunicacionais locais. Para tanto, partimos da estrutura física e de recursos humanos do Centro Cristão de Educação Popular (CCEP), organização não-governamental sem fins lucrativos. O Centro atua há 10 anos junto à população da comunidade de Jardim Uchôa, uma localidade popular no subúrbio de Recife, focando seus trabalhos na área da educação básica e profissionalizante.

No CCEP desenvolvemos atividades de comunicação comunitária que visam integrar a comunidade de Jardim Uchôa de modo a que os fatos, conquistas, problemas, pessoas, idéias locais sejam igualmente importantes e também notícia, como são os que aparecem nos meios massivos de comunicação. Ao mesmo tempo, busca-se tornar o Centro conhecido entre seus públicos, através da produção de mídias diversas – folder, boletim informativo, esquete para a rádio local, cartilha – que retratem para parceiros e financiadores o trabalho por ele promovido.

Para realização destas atividades formamos uma *Comissão de Comunicação* que, juntamente com a profissional da área, empenhou-se em fazer acontecer a rede de comunicação comunitária. Desde uma oficina de capacitação teórico-técnica em jornalismo, até a prática de reportagens, entrevistas e a fotografia jornalística, as integrantes da *Comissão* têm buscado a informação na comunidade e aprendido a conhecer, reconhecer e narrar sua localidade.

Partimos da formação de uma *comissão de comunicação* composta, num primeiro momento, por educadoras ligadas à entidade promotora do trabalho, mas com o intuito de irmos a trabalhar com os adolescentes da comunidade, transformando a atual *comissão* em *conselho editorial comunitário*. Com a equipe de educadoras traçamos metas e estratégias de atuação, criando um clima de “aprendizagem profissional”. Utilizamos as escolas da comunidade como locais de circulação da comunicação e privilegiamos o jornal-mural e o folder explicativo.

O jornal-mural: vantagens e desvantagens

O jornal-mural mostra-se como um recurso por excelência no trabalho com grupos populares, pois une ao texto escrito imagem, cor e adereços visuais, que facilitam atrair a atenção do leitor. Uma atenção que já é naturalmente disputada por conta dos inúmeros atrativos audiovisuais de nossa sociedade, e que nos meios populares encontra-se, ainda, especialmente comprometida pelas características da linguagem cotidiana serem muito mais orais do que escritas.

O jornal-mural, então, permite atender a um público pouco familiarizado com a leitura, porém diretamente interessado nos temas tratados pelo jornal. Ou seja, o fato de se estar abordando a vida da comunidade, suas conquistas, seus problemas são motivos por si só para mobilizar a população para a leitura do jornal, mas as dificuldades e as questões inerentes ao cotidiano, até mesmo de se garantir a sobrevivência – realidade nos meios populares brasileiros e latino-americanos – tornam esta leitura, muitas vezes, secundária. As fotos, as ilustrações e o colorido, então, aparecem como um estímulo ao sentido da visão, servindo de subterfúgio para a leitura do texto e, ao mesmo tempo, sendo também eles informações que se somam.

Em nossa experiência, o uso do jornal-mural revelou vantagens e desvantagens. A principal vantagem está em como aproximar-se de um grande número de comunitários com um custo reduzido em relação ao jornal impresso. Neste custo consideramos, inclusive, a possibilidade de o jornal não ser lido e virar lixo nas ruas ou casas da localidade. Com o jornal-mural trabalhamos em oito espaços distribuídos na comunidade – todos escolas públicas, comunitárias ou de ensino particular. Em cada um desses espaços podemos atingir o público constante (alunos, professores e pais ou familiares) e públicos flutuantes (entregadores de mercadorias, visitantes e comunidade).

Aparece também como vantagem o uso de espaços na e da própria comunidade, o que favorece ao fortalecimento dos laços comuns e à valorização do endógeno. Utilizamos as escolas da comunidade por ser o segmento com o qual originariamente o trabalho se iniciou. Poderiam ser os postos de saúde ou as igrejas, por exemplo. As escolas, no entanto, oferecem a facilidade de serem freqüentadas assiduamente, não mantendo posturas ideológicas fundamentais e estarem associadas à perspectiva de esperança (“futuro melhor”).

Além desse aspecto espacial, que do ponto de vista do trabalho é estratégico, há ainda uma questão técnica que mais uma vez legitima o mural como meio de comunicação comunitária: a possibilidade de se substituir algumas reportagens sem ser preciso alterar todo o mural (“lançar um novo número”). A troca de matérias, então, pode dar-se muito mais pela chegada de novas notícias do que por uma periodicidade aleatória que impõe a criação de fatos e a veiculação de informações comprometidas na origem com instituições ou indivíduos que não necessariamente identificam-se com as prioridades da comunidade. Realidade que ocorre nos meios massivos todos os dias e é absorvida por grande parte da sociedade.

“Se excluirmos os dias raros das grandes tragédias, 90% do que se noticia e comenta tem origem em fontes organizadas. (...) Ainda recentemente (...) classifiquei e comparei, num sábado, as chamadas da primeira página de três jornais diários. Na soma, 28 notícias, das quais apenas três relatavam ou falavam de acontecimentos não programados. As outras 25 tinham fontes organizadas na origem: 13 reproduziam revelações ou falas planejadas por sujeitos competentes; 12 relatavam acontecimentos programados e controlados por instituições.”^{vi}

É claro que a periodicidade, ou o compromisso em renovar o mural, coloca-se como um aspecto importante na manutenção do público, despertando-lhe novo interesse. Mas partir deste compromisso provoca uma distorção na finalidade do jornal comunitário, que é fazer o grupo se comunicar a partir de sua descoberta enquanto produtor de notícias e informações. Se a periodicidade e outros elementos mercadológicos se destacam, passando a determinar as condições de elaboração do jornal-mural, então não estamos promovendo a comunicação comunitária, mas copiando o fazer comunicação massiva num espaço comunitário.

Em outro momento^{vii}, escrevemos que “em meio à predominância da lógica massiva e tecnológica, a comunicação interpessoal persiste como instância primeira para o ‘exercício das subjetividades e a formação das culturas dos grupos sociais’”. É justamente essa interpessoalidade que persiste numa época de comunicação informatizada que deve, sem se abrir mão da qualidade técnica, ser mantida nas atividades de comunicação comunitária.

“A informação não atua (...) indistintamente. É diferente se ela parte de um grande meio de comunicação (...) e se ela vem do nosso vizinho, do círculo de amigos, a diferença se baseia nos efeitos. (...) a comunicação em grande escala pode mobilizar. Ela pode convocar, denunciar, desmentir, conturbar, subverter a ordem de uma forma geral. Não obstante, ela não forma. Os grandes meios de comunicação de massa são transmissores unilaterais da comunicação. Os receptores os recebem e são (podem ser) por eles mobilizáveis. Não há troca, intercâmbio entre os dois atores do processo social. Diferentemente ocorre com a comunicação interpessoal. Esta se baseia no diálogo, na conversa direta e sem barreiras ou preconceitos; ela atua a longo prazo e intermitentemente. É também mais espontânea. Essa comunicação é a que efetivamente forma, não a outra. (...) A decisão ocorre em outras instâncias, nesses grupos menores sob a influência de pessoas de confiança, em círculos mais livremente aceitos.”^{viii}

São as características de formação a longo prazo e intermitente – inclusive com uma preocupação educativa (capacitação técnica e crítica), de aceitação e confiança do grupo, que podem diferenciar e legitimar a comunicação comunitária promovida por um profissional, de modo a estabelecer na comunidade verdadeiros momentos ou condições de diálogo e participação efetiva dos indivíduos para uma construção coletiva do desenvolvimento local^{ix} e da cidadania. Esse trabalho pode ser realizado através do uso dirigido de qualquer

veículo de comunicação, desde que se esteja apto a enfrentar os problemas e resultados não satisfatórios próprios de cada meio.

O jornal-mural, por exemplo, embora revele vantagens, como as discutidas acima, sobre outros meios de comunicação para o trabalho em comunidades, apresenta algumas desvantagens ou imprecisões em seu uso. A primeira delas está na localização do mural e sua disposição dentro do espaço escolhido. É preciso colocá-lo em locais de fácil e livre acesso, ou melhor, de acesso quase obrigatório, para que o jornal seja lido pelo maior número possível de pessoas.

Nos espaços de que a comunidade dispõe, porém, muitas vezes este local acessível encontra-se ao ar livre e o mural termina ficando exposto à chuva, ao sol e ao vento, o que com o tempo desfaz a arrumação e compromete a leitura. Há ainda os estragos provocados pela ação humana, de pessoas que rabiscam as folhas ou arrancam as fotos, por exemplo. A questão é: correr o risco e garantir mais leitores, ou preservar o mural e o trabalho realizado mas alcançar um número reduzido de receptores diretos?

Além dessa questão prática, que deve ser resolvida de acordo com cada caso específico, aparecem duas outras desvantagens no uso do mural, que no entanto são mais aparentes do que precisas. A sensação de que se veiculam poucas notícias, pelo espaço físico de que se dispõe no mural e pelo tamanho de letra que se deve usar para uma boa visualização, é com a prática percebida como uma falsa impressão de quem está acostumado a manusear grandes jornais diários e produzir notícias para ocupá-las.

Por outro lado, existe uma expectativa na comunidade de sentir-se recebendo algo concretamente, como quando se distribui exemplares de jornais impressos. Estas expectativas, no entanto, são reelaboradas num trabalho contínuo e próximo com o grupo popular no sentido de fazer ser compreendido o sentido da comunicação comunitária como algo que vem para atender a questões coletivas muito mais do que aquelas meramente individuais.

“O papel do comunicador que se dispõe a atuar junto às comunidades populares (...) deve associar aspectos teóricos-metodológicos que lhe permitam construir um verdadeiro trabalho de autonomização destes grupos, e não uma nova dependência – desta vez em relação ao profissional de comunicação.”^x

A comunicação para fora: folder e rede de jornais

Se o jornal-mural dá conta da comunicação entre o grupo popular, no espaço comunitário, para que a comunidade se comunique com a sociedade em geral é preciso recorrer a outros veículos. Isto porque públicos distintos demandam estratégias diversas de comunicação. De acordo com os recursos disponíveis, qualquer mídia pode ser utilizada por um grupo popular para alcançar objetivos de comunicação. Cabe, então, ao técnico elaborar uma comunicação adequada, em conjunto com a comunidade, que construa a mensagem certa, no veículo certo, no momento e lugar certos de acordo com o público para o qual se dirige. É preciso, ainda, criar situações para avaliar com o grupo os resultados que se vem obtendo no trabalho de comunicação.^{xi}

“Para isso, o comunicador deverá saber formular essas demandas e dar-lhes forma, não mais apenas como executor, através da ênfase no adestramento, como ocorre dentro das habilitações atuais. Ele deve ser fundamentalmente um planejador, alguém capaz de conceber o processo integral que vai do projeto à realização, alguém que saiba integrar conteúdos, discursos e públicos de maneira criativa e experimental. (...).

Vale dizer que esse eixo visa à formação profissional assentada sobre projetos de caráter integral e integrado e que seja uma alternativa à formação tecnicista e midiacentrada.”^{xii}

Dessa forma, com a comunidade de Jardim Uchôa percebemos a necessidade de elaborar um folder institucional, por conta da natureza do trabalho desenvolvido no CCEP e sua política de atuação, que depende de financiamentos externos para se sustentar, e inserir o grupo numa rede de jornais comunitários mantida pela Prefeitura da Cidade de Recife.

O folder tem a finalidade de divulgar o Centro Comunitário junto a órgãos financiadores, funcionando como um instrumento no caminho da auto-sustentação que a organização começa a trilhar. Para sua confecção a *comissão de comunicação* trabalhou de modo integrado com a comunidade, buscando recuperar a história, através de fotos e depoimentos que revelem a qualidade e a importância do que se pode realizar na comunidade de Jardim Uchôa.

Já a rede de jornais aparece como uma forma de intercâmbio com outras comunidades da Grande Recife, ao mesmo tempo em que serve como passaporte para participação num fórum da Prefeitura. Esta tem sido, no entanto, uma tarefa mais isolada da profissional de comunicação, uma vez que as integrantes da *comissão* ocupam todas as outras funções no CCEP, o que não lhes permite uma dedicação mais intensa aos trabalhos de comunicação. De todo modo, fazer parte desta rede consiste apenas, em nosso caso que já produzimos o jornal-mural, em rearrumar a estrutura das matérias já veiculadas no mural para o espaço oferecido pelo jornal impresso.

O trabalho com adolescentes

Nossa intenção, desde o início, foi envolver os jovens da localidade no trabalho de comunicação comunitária para capacitá-los profissionalmente de modo a desenvolverem atividades tais como o jornalismo comunitário, programas radiofônicos para emissoras locais, programas auditivos para transmissão em carros de som, jornais-murais, fotojornalismo, documentários em vídeo, programas televisivos, home pages, e outras peças de comunicação como folder, mala direta e cartilha, que servem como instrumento de comunicação organizacional, no caso organizações comunitárias, que venham a ser exercidas como geração de emprego e renda.

A capacitação de jovens moradores de comunidades populares, como Jardim Uchôa, para o uso de recursos comunicacionais aparece como alternativa para atuar sobre problemas identificados localmente, de modo a levá-los a assumir sua realidade e sua capacidade para transformá-la. É ainda a forma encontrada para que se crie na comunidade o hábito de comunicar-se de fato, em seu sentido mais amplo: trocar experiências e crescer com elas. Dessa forma acreditamos ser possível colocar a comunicação que se faz com grupos populares a serviço do desenvolvimento local, tão urgente no mundo globalizado em que vivemos.

Os jovens que vivem nestas comunidades constituem um dos grupos mais atingidos pelos efeitos da informatização e do conseqüente desemprego estrutural. Com a capacitação profissional é possível prepará-los para exercer atividades geradoras de emprego e renda (plano individual) e contribuir com a entidade popular para a qual venham a prestar serviço (plano coletivo) – o que direciona os sujeitos envolvidos no processo a buscar reverter a condição social imposta ao grupo e aos indivíduos pelo sistema.

A capacitação profissional dos jovens na área da comunicação comunitária, portanto, oferece-se como instrumento para qualificá-los no sentido de virem a trabalhar promovendo a comunicação comunitária para o desenvolvimento da localidade, a partir de uma atuação profissional. Há ainda, para estes jovens, como possibilidade de mercado, as demandas por serviços técnicos fora de uma proposta de desenvolvimento local, como trabalhos fotográficos, documentários em vídeo, criação de home pages e outros.

Em Jardim Uchôa, após seis meses de trabalho com as educadoras da *comissão*, reunimos um grupo de aproximadamente 20 jovens e realizamos uma semana de oficinas sobre técnicas de reportagem e redação em jornalismo impresso, que tinham por objetivo formar um grupo para produção do jornal-mural, a princípio, e de outros veículos, mais adiante. A oficina ocorreu nas férias escolares, o que permitiu a participação de um número considerável de meninos e meninas. Naturalmente as práticas foram selecionando quem realmente queria *ser jornalista comunitário*.

Esta seleção natural é importante para que o processo seja verdadeiramente comunitário, sem restrições impostas de fora, tolhedoras das capacidades existentes no grupo. É preciso, no entanto, paciência para promovê-la, uma vez que a inconstância dos jovens que freqüentam os cursos forcem a uma metodologia de trabalho maleável, adaptável às novas situações que a comunidade apresenta a cada novo encontro – o que não é privilégio das atividades de comunicação ou com jovens, mas uma característica das dinâmicas de trabalho com meios populares, ditada pelas contingências próprias do cotidiano destes grupos.

3 – O Curso Profissionalizante: parceria com o Programa Comunidade Solidária

O passo seguinte foi elaborar um Projeto de Capacitação Profissional e submetê-lo a concurso promovido pela Associação de Apoio ao Programa Comunidade Solidária. Realizamos o curso “Técnico em Promoção da Comunicação Comunitária”, obedecendo a algumas exigências do Programa, com o intuito de dar continuidade ao trabalho que vínhamos desenvolvendo – o que mostrou-se inviável, ao longo do Curso, devido à dissonância entre a clientela (determinada pelo Comunidade) e os objetivos propostos.

Os objetivos do Curso Profissionalizante visavam “capacitar 40 jovens da comunidade de Jardim Uchôa, para o uso de recursos comunicacionais, de modo a oferecer-lhes novas perspectivas de inserção no mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, promover a comunicação comunitária crítica e criativa.”, e se desdobravam nas seguintes especificações:

- 1) Oferecer aos jovens capacitados qualificação para o uso de recursos comunicacionais.
- 2) Permitir aos jovens capacitados oportunidades de inserção no mercado de trabalho no campo da comunicação, que vem se revelando como uma das atividades essenciais neste milênio.
- 3) Trabalhar questões locais (ensino, saúde, moradia, saneamento, lazer, perspectivas para os jovens), usando os recursos comunicacionais de que a comunidade dispõe.
- 4) Rever as condições de uso e produção da comunicação social na comunidade.

O Curso foi oferecido em dois módulos, um básico e outro profissionalizante:

MÓDULO BÁSICO	
Disciplina	Carga horária
Língua Portuguesa	30 horas
Formação sócio-política	30 horas
Oficinas de vivências culturais, artísticas e de cidadania	60 horas

MÓDULO PROFISSIONALIZANTE	
Disciplina	Carga horária
Comunicação comunitária	30 horas
Introdução às tecnologias de comunicação	30 horas
Técnicas de reportagem e redação	30 horas
Comunicação gráfica, edição e diagramação	60 horas
Radiojornalismo	60 horas
Fotojornalismo	30 horas
Telejornalismo e videodocumentário	60 horas

No módulo básico foram trabalhadas capacidades lingüísticas, de solidariedade e cidadania. O módulo profissionalizante contemplou o desenvolvimento de aptidões para a prática da comunicação comunitária. Nossa experiência pedagógica se estabeleceu em três disciplinas do módulo profissionalizante [Comunicação comunitária, Introdução às tecnologias de comunicação e Técnicas de reportagem e redação], obedecendo aos seguintes programas:

I) Comunicação Comunitária

Ementa: A comunicação comunitária. Percepção do comunitário. Importância da comunicação para o desenvolvimento da comunidade em tempo de globalização. Meios de comunicação comunitários.

Conteúdo programático:

1ª aula: O que é comunicação? O que é comunidade? O que é comunicação comunitária?

2ª aula: Estudo de casos de comunicação comunitária a partir de vídeos e textos. Exercícios.

3ª aula: Os meios de comunicação social. Meios de comunicação massivos X meios de comunicação dirigidos. Uso dos meios para comunicação comunitária. Exercícios.

4ª aula: Fluxos e elementos da comunicação. O ruído e a redundância. Estudo de textos. Exercícios.

5ª aula: “Lugares” de comunicação na comunidade: os fluxos espontâneos. Planejamento da comunicação e participação da comunidade. Exercícios.

II) Introdução às Tecnologias de Comunicação

Ementa: A comunicação a serviço do desenvolvimento social. Técnicas e tecnologias de comunicação: criações do homem em sociedade. Um passeio pelas tecnologias de comunicação no Ocidente: dos Correios à Internet. Análise de meios de comunicação social.

Conteúdo programático:

1ª aula: O que é técnica? O que é tecnologia? A transformação do meio ambiente a partir do uso das técnicas. O que são tecnologias de comunicação? Discussão, sistematização e exercícios em grupos.

2ª aula: Dos Correios à Internet: um passeio pelas tecnologias de comunicação criadas pelo homem.

3ª aula: Análise de meios de comunicação impressos e suas técnicas de elaboração. Exercícios.

4ª aula: Análise de meios de comunicação audiovisuais e suas técnicas de elaboração. Exercícios.

5ª aula: O uso de tecnologias de comunicação na comunidade: o que empregar; como empregar; para que?. Exercícios.

III) Técnicas de Reportagem e Redação

Ementa: A notícia jornalística. Etapas da reportagem. A construção do texto jornalístico – características e objetivos. Regras da escrita jornalística. Elementos da matéria jornalística.

Conteúdo programático:

1ª aula: O que é escrever para jornal? A prática do jornalismo. A notícia: definição, critérios, elementos. O que é reportagem? Exercícios em grupos.

2ª aula: Etapas da reportagem: entrevistas; observação; registro e fotografia; redação; edição. A pauta – preparação da reportagem. Exercícios individuais.

3ª aula: A redação jornalística. Elementos da matéria jornalística. Análise de matérias jornalísticas.

4ª e 5ª aulas: Exercícios práticos.

Durante e ao final das três disciplinas observamos alguns fatos que se colocam como fundamentais para a compreensão e execução de um trabalho pedagógico que busque a capacitação de jovens das camadas populares para o uso de tecnologia de comunicação em suas comunidades:

- Necessidade de sensibilização para a prática da comunicação.
- Necessidade de construção de um sentimento de comunidade.
- Necessidade de adequação de qualquer proposta de produção de comunicação a clientela continuamente marginalizadas no sistema formal de ensino.
- Necessidade de inúmeros recursos didáticos e constante adaptação destes à clientela.
- Necessidade de metodologia de trabalho particularizada para cada caso.
- Necessidade de uma postura acolhedora: algo a mais do que as aulas precisa ser oferecido, como um lanche a cada encontro; material básico tal como lápis, caneta, cadernos, pranchetas.
- Necessidade de uma perspectiva de mudança futura, que deve ser dosada na medida em que permita manter os jovens interessados sem prometer mais do que se possa cumprir.

4- Considerações até o momento

O trabalho realizado na comunidade surgiu de uma compreensão do CCEP de que é preciso comunicar-se com seus públicos. Em nossas atividades percebemos que a prática da comunicação comunitária: 1) é de interesse dos grupos populares; 2) é sentida como uma deficiência que impede o crescimento do grupo; 3) é possível ser desempenhada por integrantes da comunidade, porém exige dedicação e disponibilidade. A crescente demanda por uma sistematização da comunicação é fruto da constatação de que vivemos uma era da comunicação.^{xiii} Nesta nova era a carga de poder e realização sociais e, ainda, individuais se desloca da esfera do trabalho para a esfera da comunicação enquanto troca e existência social. Isto aponta para uma valorização do conhecimento na área da comunicação e para a abertura de novas possibilidades de atuação profissional.

No entanto, esta atuação deve estar atualizada, por conta das tecnologias de comunicação em constante mudança, e ser qualificada técnica, teórica e eticamente, por conta da competição no mercado de trabalho, agravada pela onda irreversível da informatização, e por conta da seriedade do objeto. A profissionalização para a promoção da comunicação comunitária parece dar conta do contexto em que vivem os jovens em localidades como Jardim Uchôa – populares e periféricas – pois procura reverter a exclusão com a prática de atividades geradoras de renda e com a participação na produção social da comunicação e, logo, no exercício da cidadania.

5 - Referências Bibliográficas

- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 1995.
- COLETIVO NTC. *Pensar Pulsar – cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*. São Paulo : Edições NTC, 1996.
- KAPLÚN, Mário. “Processos educativos e canais de comunicação”. *Comunicação & Educação*. São Paulo : CCA-ECA-USP/Moderna, n. [14]: 56 a 67, jan./abr. 1999.
- KUNSCH, Margarida. *Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada*. São Paulo : Summus, 1986.
- LOPES, Boanerges. *Abaixo o nada a declarar! O assessor de imprensa na era da globalização*. Rio de Janeiro : Zabelê/ Ao Livro Técnico, 1998.
- LOPES, M.^a Immacolata de. “Sobre um novo projeto pedagógico no campo da comunicação”. BACCEGA, M.^a Aparecida (org.). *Comunicação e cultura: um novo profissional*. São Paulo : CCA/ECA/USP, 1993.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo fin-de-siècle*. São Paulo : Scritta, 1993.
- _____. *Quem manipula quem?*. 2. Ed. São Paulo : Vozes, 1987.
- NEIVA Jr., Eduardo. *Comunicação – teoria e prática social*. São Paulo : Brasiliense, 1991.

SANTOS, M.^a Salett, CALLOU, Angelo. “Desafios da comunicação rural em tempo de desenvolvimento local”. *Signo*. Revista de Comunicação Integrada. João Pessoa, V.2, N.3, 1995.

SCHAFF, Adam. *A sociedade informática*. São Paulo : Unesp/ Brasiliense, 1995.

SPENILLO, Giuseppa. “Lazer e comunicação na era da informática: interpessoalidade ou automatismo? Um estudo de caso entre reassentados do Projeto Brígida”. Recife : UFRPE, 1998. Dissertação (Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural).

_____. “O rural frente à informatização do cotidiano: comunicação, interpessoalidade e lazer no Projeto Brígida (Orocó-PE)”. CALLOU, A. Brás (org.). *Comunicação Rural e o novo espaço agrário*. Recife : UFRPE, 1999 – Coleção GT’S Intercom Nº 8.

_____. “ Comunicação rural: elo possível entre o desenvolvimento local e as novas tecnologias de informação”. CALLOU, A. Brás (org.). *Comunicação rural e era tecnológica*. Série Fractais. Recife : Imprensa Universitária, 2000.

ⁱ Mestre em Comunicação Rural / Professora Assistente da UFRPE.

ⁱⁱ KAPLÚN, Mário. “Processos educativos e canais de comunicação”. *Comunicação & Educação*. São Paulo : CCA-ECA - USP/Moderna, n. [14]: 56 a 67, jan./abr. 1999, p. 71.

ⁱⁱⁱ Id. *Ibid.*, p. 72.

^{iv} CANCLINI, N.G. (1983 : 29) Apud: JACKS, N., RONSINI, V. “Mediações na recepção: estudo comparativo entre receptor urbano e rural”. BRAGA, J., PORTO, S., FAUSTO NETO, A. *A encenação dos sentidos – mídia, cultura e política*. Rio de Janeiro : Diadorim, 1995, p. 226.

^v LOPES, M.^a Immacolata. “Sobre um novo projeto pedagógico no campo da comunicação”. BACCEGA, M.^a Aparecida (org.). *Comunicação e cultura: um novo profissional*. São Paulo : ECA/USP, 1993, p. 15 (grifos da autora).

^{vi} CHAPARRO. “Fronteiras alargadas”. LOPES, B. *Abaixo o nada a declarar!* Rio de Janeiro : Zabelê, 1998, p. 20.

^{vii} SPENILLO. “O rural frente à informatização do cotidiano: comunicação, interpessoalidade e lazer no Projeto Brígida (Orocó-PE)”. CALLOU. (org.). *Comunicação rural e o novo espaço agrário*. Recife : UFRPE/Imprensa Universitária, 1999, p. 37.

^{viii} MARCONDES FILHO, Ciro. *Quem manipula quem?*. 2. Ed. São Paulo : Vozes, 1987, p. 101.

^{ix} Compreendemos desenvolvimento local como “um esforço de mobilização de pequenos grupos (...) a fim de resolver problemas imediatos ligados às questões de sobrevivência econômica, de democratização de decisões, de promoção de justiça social.” Ver SANTOS, M^a Salett, CALLOU, A. Brás. “Desafios da comunicação rural em tempo de desenvolvimento local”. *Signo*. Revista de Comunicação Integrada. João Pessoa, V. 2, N. 3, 1995, p. 45.

^x SPENILLO. “ Comunicação rural: elo possível entre o desenvolvimento local e as novas tecnologias de informação”. CALLOU. (org.). *Comunicação rural e era tecnológica*. Fractais. Recife : Imprensa Universitária, 2000, p. 28.

^{xi} Ver KUNSCH. Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada. São Paulo : Summus, 1986.

^{xii} LOPES. Op. Cit., p. 17 (grifos da autora).

^{xiii} “Na sociedade pós-industrial (...); linguagens varrem a sociedade; a produção de objetos é substituída pela desmaterialização comunicativa que exorta ao consumo. Nunca a experiência social foi tanto *comunicação*.” (grifo do autor). NEIVA Jr. *Comunicação – teoria e prática social*. São Paulo : Brasiliense, 1991, p. 17.